

Collor comporá governo com o Congresso

FÁTIMA XAVIER

Tendo como tática de campanha não fazer acordos políticos para se eleger, pelo menos de público e depois de ter sido rejeitado pelos partidos progressistas, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello não só passou a ter um discurso anticomunista como vai deixar sua auto-suficiência de lado e, se eleito, vai escolher seus ministros visando a uma composição política que lhe garanta maioria no Congresso Nacional. De acordo com informações de pessoas diretamente ligadas ao candidato, ele só não abre mão da área econômica que considera sua "cota pessoal". Nos demais ministérios deverão ser encabeçados parlamentares ou técnicos por eles indicados.

"Até mesmo quando se mencionam essas indicações políticas ele se retrai e foge do assunto", disse um assessor sobre o comportamento de Collor que até agora insiste em não citar nomes para essa composição. Sabe-se de concreto que a economista Zélia Cardoso de Mello, que coordenou a elaboração do seu programa de governo, tem um lugar garantido, que provavelmente, não será o Ministério da Economia que pretende criar somando a Fazenda à Sepplan. "Ela vai para o Gabinete Civil", confidenciou um dos seus assessores.

Outros que deverão ter seu espaço ainda que não ocupando cargos formais são os amigos e parentes que estão engajados na campanha como o embaixador Marcos Coimbra, cunhado, Marco Antônio Coimbra, sobrinho, o irmão Leopoldo, os amigos Cleto Falcão, Luiz Estevão (Grupo OK), Cláudio Humberto e Renan Calheiros, futuro líder do governo do PRN ou do partido que pretende criar para substituí-lo. Para o Ministério da Economia, fala-se em Ozires Silva, ex-presidente da Embraer e da Petrobrás. Mas o mais provável, ainda que Ozires venha para o Governo, é a indicação do ex-ministro Mário Henrique Simonsen para o comando da economia.

Para o Ministério da Agricultura e Irrigação reserva um nome oriundo do setor produtivo, um agricultor, conforme promessa de campanha e que poderá ter um perfil parecido com o do maior produtor de soja do mundo, Olacir de Moraes, com característica associativista. Para a pasta do Desenvolvimento Urbano e Agrário, a assessoria de Collor garante que será alguém "pró-reforma agrária"

mas na base da compra de terras, produtivas ou não, através de "TDAs" mas por preço de mercado. No seu programa, o candidato do PRN prevê o Ministério do Trabalho somado à Previdência — o primeiro já foi garantido para os sindicalistas Medeiros ou Magri, da CGT — o que coloca para escanteio o sonho do amigo senador Carlos Chiarelli (PFL/RS) que deverá ocupar uma outra pasta.

Se o senador tucano Fernando Henrique Cardoso não aceitar o Ministério da Educação, sonho da equipe de Collor, Chiarelli poderá assumi-lo. Para a saúde, fala-se em Adib Jatene, do Incor (SP) ou em Borges da Silva, e Alcení Guerra, ambos deputados federais pelo Paraná. Alcení, assim como Renan Calheiros e o senador José Agripino Maia (RN), também ministeriável, tem outro projeto político que não é exatamente ocupar um ministério mas o governo de seus respectivos Estados. Como chanceler, aparece o nome do atual embaixador do Brasil junto ao GATT, em Genebra, Rubens Ricupero, ex-assessor internacional do presidente Sarney.

Não há qualquer dúvida de que o deputado sem partido e relator da Assembleia Nacional Constituinte, Bernardo Cabral (AM), vai para o Ministério da Justiça e um velho amigo, o advogado Mário Jorge Uchoa, para a Consultoria Geral da República — foi consultor de Collor no governo de Alagoas. Quanto aos ministérios militares comenta-se a indicação do general Wilberto Lima, para o Exército. Ele é ex-comandante Militar do Leste. Articulando os ministeriáveis fardados está o ex-ministro da Marinha, Maximiano da Fonseca, ex-sogro de um amigo inseparável de Collor, o empresário brasileiro Paulo Octávio Pereira. Fala-se no almirante Henrique Pillar para a Marinha e do brigadeiro Murilo Santos para a Aeronáutica.

Ainda lembrando que os nomes citados são "mera especulação" a assessoria de Collor sugere nomes como do pai do Plano Cruzado, Pêrsio Arida, dos prefeitos de Recife (PE), Joaquim Francisco, e de Florianópolis (SC), Esperidião Amin, do ex-ministro dos Transportes, Eliezer Batista, hoje presidindo a Vale do Rio Doce Internacional e residindo em Bruxelas, Bélgica. Ele poderia ser o renegociador da dívida externa. Do ex-ministro da Agricultura, Cirne Lima, e Eliseu Alves, ex-presidente da Embrapa e atualmente na Codevasf, entre outros.

FOTOS: ARQUIVO

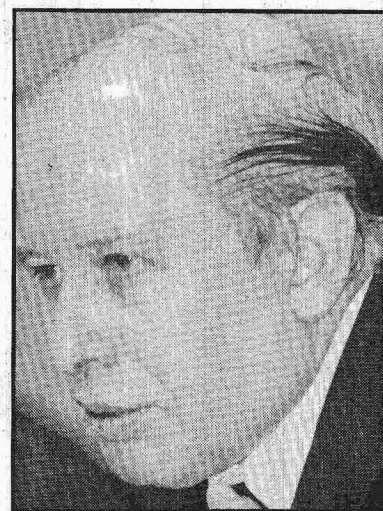


Renan terá lugar de destaque e Simonsem pode comandar a economia

RENAN CALHEIROS — Deputado federal na segunda legislatura, Calheiros saiu do PMDB onde fundou a ala jovem do Partido e foi responsável pela filiação de Collor até acompanhá-lo ao PRN. Tem, sem dúvida, um papel de destaque num possível governo do partido. Isto é, se realmente não criarem outro, como já foi anunciado, logo após o resultado das urnas do segundo turno. Há quem aposte que não passará de líder do governo na Câmara dos Deputados mas sempre como o braço direito do candidato cuja campanha articulou e participou em todos os momentos. Já foi líder da bancada do PMDB como deputado estadual (AL), e há quem garanta que pertenceu ao PC do B quando fazia política estudantil, em Maceió.

CARLOS CHIARELLI — Senador pelo PFL, advogado e professor, casado, dois filhos, o político gaúcho de 49 anos poderá, enfim, realizar o velho sonho de ser ministro, se Collor for eleito presidente. O sonho só não será completo porque sempre almejou a pasta da Previdência e o programa de governo de Collor a transfere para o Ministério do Trabalho que o candidato já prometeu dar a um sindicalista. Chiarelli poderá ir para o Ministério da Educação, se o senador paulista Fernando Henrique Cardoso insistir em acompanhar seu partido, o PSDB, e não mais conversar com o PRN.

JOSÉ AGRIPINO MAIA — O jovem senador potiguar, 44 anos, casado, dois filhos, natural de Mossoró (RN), é engenheiro civil com pós-graduação em estabilização de Açudes e um sério candidato ao Ministério da Infra-estrutura de



um possível governo Collor. Descedente dos tradicionais Maias da Paraíba, o senador já foi prefeito de Natal pela Arena, governador do Rio Grande do Norte, pelo PDS, filiou-se ao PFL através do qual foi eleito senador e constituinte. É outro caso como o do deputado Alcení Guerra: melhor não ser convidado para o ministério pois pretende candidatar-se ao governo do Estado.

BERNARDO CABRAL — É o futuro ministro da Justiça se Collor vencer no segundo turno das eleições presidenciais. Advogado e professor, Bernardo Cabral, deputado federal pelo Amazonas, hoje sem partido, tem 57 anos, é casado e tem um filho. Foi deputado estadual pelo PTB no período de 1963 a 1967, federal, pelo MDB entre 1967/1969 e constituinte, na atual gestão, pelo PMDB até desfiliar-se. Entre outros cargos, foi delegado de Roubos e Falsificações, em Manaus, promotor público, chefe de polícia do Estado, secretário do Interior e Justiça, e chefe da Casa Civil do Governo do Amazonas no período de 1959/1960.

ALCENÍ GUERRA — Médico pediatra, agricultor e deputado federal na segunda legislatura pelo PFL do Paraná, Alcení poderá assumir o Ministério da Saúde e Assistência Médica se, eleito, Collor o convidar. Aos 44 anos, casado, três filhos, quase PSDB — **collor** para acompanhar seu partido e eleito. É o coordenador nacional de Fiscalização da campanha de Collor de Mello mas quer mesmo é ser governador do seu Estado (Paraná) ainda que seja gaúcho de nascimento.

OZIERES SILVA — Aos 59 anos de vida dos quais 20 como militar

da Aeronáutica e outro tanto como presidente de empresas estatais — entre elas a Embraer e a Petrobrás — Ozires Silva, paulista de Bauru, é filho de um instalador eletricista, é o nome mais cotado para o Ministério da Economia, se Collor vencer as eleições. Foi o candidato de outros presidenciais do primeiro turno como Mário Covas (PSDB), Paulo Maluf (PDS), Ulysses Guimarães (PMDB) e até de Afif Domingos (PL) que apontou o seu maior defeito: **collor**. É considerado um técnico de reputação intocável, modelo de seriedade e competência e grande defensor da livre iniciativa.

ANTÔNIO ROGÉRIO MAGRI — O atual presidente da dividida Central Geral dos Trabalhadores (CGT), poderá ser o "sapo" a ser enfiado goela abaixo, por Collor, se eleito, na militância sindical não apenas do PT, mas de todos os partidos progressistas e de esquerda. O ex-campeão paulista de judô e vice-campeão brasileiro de luta greco-romana gosta de competir com Lula a sua qualidade de peão, pouca instrução e até a falta da ponta de um dedo, que insiste em exibir. Como presidente de uma central sindical, foi o único sindicalista que passou por cima dos estatutos da entidade e, ao contrário da própria CUT, manifestou, de público, seu apoio incondicional ao candidato do PRN e total rejeição ao candidato do Partido dos Trabalhadores e líder sindical.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO — Senador pelo PSDB, velho militante da esquerda brasileira, no auge da repressão, Fernando Henrique é um nome que não sai da boca dos assessores mais próximos de Collor como candidato ao Ministério da Educação. A última ressalva, porém, é de que o presidencialismo anda muito "magoado" com o PSDB por "ter se recusado a conversar para uma possível aliança no segundo turno", uma atitude considerada "imperdoável" sob o ponto de vista político.

LUÍZ ANTÔNIO MEDEIROS — O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, entidade que fatura 1 bilhão de cruzados novos por ano e dispõe de uma arrecadação superior a de mais de 70 por cento dos municípios brasileiros, Medeiros é o sindicalista mais cotado para ocupar a pasta do futuro Ministério do Trabalho e da Previdência, se Collor for eleito.

ADIB JATENE — Considerado um dos médicos mais respeitados

do mundo, Jatene mais uma vez é cotado para ocupar o Ministério da Saúde, agora por um virtual governo Collor. Acreano de Xapuri, filho de seringueiro, 59 anos, casado, quatro filhos — três seguindo a mesma carreira do pai — e sem filiação partidária, Jatene formou-se em medicina pela USP, em 1953, onde fez, também, sua pós-graduação, na equipe do professor Zerbini, introdutor do transplante cardíaco no Brasil.

ZÉLIA CARDOSO DE MELLO — Ao contrário do que se imagina, a economista responsável pelo programa econômico do candidato Fernando Collor de Mello não deverá ocupar o futuro Ministério da Economia, se for eleito, mas a chefia do Gabinete Civil. A já considerada "czarina" desta pasta poderá ser mantida como a lua-preta da equipe até mesmo para ter uma participação mais ampla no governo. Zélia tem 36 anos, é solteira, sem filhos e descendente de uma família tradicional de São Paulo. Conheceu Collor de Mello enquanto trabalhava com Dilson Fuiaro na implantação do Plano Fuiaro, no Ministério da Fazenda.

CLETO FALCÃO — Deputado estadual do Estado das Alagoas por duas vezes, ex-PMDB — foi fuidor junto com Renan Calheiros do PMDB Jovem do Estado — e agra, PRN, formou-se em direito pela Universidade Federal de Pernambuco, onde nasceu. Foi secretário particular do ex-senador Teotônio Vilela e seu chefe de gabinete no Senado Federal, em Brasília. Tem 37 anos, é casado, uma filha. É também, jornalista e autor de quatro livros sobre o folclore político de Alagoas.

RUBENS RICÚPERO — Palista de 52 anos, casado, Ricúpero é diplomata de carreira formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela USP e foi promovido a ministro de 1ª classe (embaixador), em 1978, por merecimento. Foi assessor internacional do atual presidente José Sarney e deixou a função para ser o embaixador do Brasil junto ao **General Agreement on Tariffs and Trade** ou Acordo Geral sobre o Comércio e Tarifas (GATT), em Genebra, Suíça, onde reside atualmente.

MÁRIO JORGE UCHOA — Advogado formado pela Universidade Federal de Alagoas, onde nasceu, Uchoa é casado, tem 42 anos e quatro filhos. É amigo pessoal de Collor de Mello e foi o consergeiro de seu governo em seu Estado de origem.